

DPOLITIK

Edição 6 (2025/1), ano IV

A nova ordem mundial



prefácio

DPolitik é uma revista feita por internacionalistas e cientistas políticos que tem o intuito de expandir o conhecimento dessas áreas acadêmicas ao maior número de pessoas interessadas nas temáticas que esses campos do conhecimento abordam. Em um mundo que se torna cada vez mais complexo e em que o grande avanço das novas tecnologias se apresenta tanto como uma ótima ferramenta à nossa disposição, mas também uma ameaça aos regimes democráticos, nossa missão é a de trazer conhecimento e esclarecimento sobre os temas mais pertinentes do momento, deixando nossas leitoras e leitores bem informadas, mantendo o caráter leve de nossas publicações. Por isso, usamos muitos gráficos, imagens e damos dicas para que você se divirta enquanto se informa!



Redatores desta edição



Caio Ponce de Leon R. F.

Doutorando em Ciência Política na Universidade de Duisburg-Essen, Alemanha, e editor-chefe do DPolitik.



Gabriele Caldas

Mestra Desenvolvimento Internacional pela Universidade de Bath, Inglaterra, e editora do DPolitik.



Maria Mont Serrat Bomfim dos Santos

Mestranda em Ciência Política e Relações Internacionais na Universidade Federal da Paraíba, Brasil, e editora do DPolitik.

Colunistas que contribuíram nesta edição

Cinthyra Araújo

Mestranda em Ciência Política e Relações Internacionais na Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Giulliano Renato Molinero Jr.

Mestre em Políticas Europeias e Globais pela Universidade de Tampere, Finlândia.

Vitória Fernandes

Bacharela em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Anna Luisa Soares de Albuquerque

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Carla Gomes

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Dimitri Cavalcanti

Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Uma segunda presidência de Donald Trump já era esperada para gerar grandes mudanças na ordem mundial. Contudo, a junção de diferentes crises, desde as consequências econômicas da pandemia até as guerras de Vladimir Putin e Benjamin Netanyahu, formou a tempestade perfeita para acelerar e amplificar essas transformações. A ordem mundial, moldada no pós-Segunda Guerra Mundial, está sendo rapidamente alterada por Trump, com reflexos em todos os aspectos da política internacional. Nesta nova edição da DPolitik, abordamos os vários cenários em que essas mudanças se manifestam, buscando, ao final, oferecer uma visão positiva e otimista para o futuro.

Siga o DPolitik:
Instagram: [@dpolitik.br](https://www.instagram.com/dpolitik.br)
<https://dpolitik.com>

Caio Ponce de Leon R. F.
Editor-chefe do DPolitik



índice

Veja abaixo os assuntos e onde encontrá-los nesta edição do DPolitik!

4 teoRias

Uma breve explicação sobre a Teoria da Dependência

Gabriele Caldas

6 seção da capa

a nova ordem mundial

8 Os EUA e a Groenlândia

Caio Ponce de Leon R. F.

10 Os EUA e o Canadá

Dimitri Cavalcanti

12 A Rússia e a Ucrânia

Cinthyra Araújo

Maria Mont Serrat dos Santos

14 Israel e a Palestina

Vitória S. Fernandes

15 China e Taiwan

Anna Luisa Soares

Carla Gomes

17 Estratégias e oportunidades: UE

Giulliano Renato Molinero Jr.

19 Estratégias e oportunidades: poderes médios e pequenos

Giulliano Renato Molinero Jr.



22 RI além das RI

Star Trek e a questão do uso bélico da ciência

Caio Ponce de Leon R. F. & Maria Mont Serrat dos Santos

24 outdooRI

26 bizarRI

27 nem só de artigo se vive

28 fontes

Uma breve explicação sobre a Teoria da Dependência

A Teoria da Dependência tem sido considerada como “a maior contribuição da América Latina para as ciências sociais”¹. Uma vez que uma perspectiva *latino-americana* foi usada para entender a questão do desenvolvimento *latino-americano*. A Teoria da Dependência surgiu na América Latina entre as décadas de 1950 e 60, representando um esforço crítico para compreender os novos aspectos e limites do desenvolvimento econômico na região. Isso porque, após a crise econômica de 1929, os países latino-americanos começaram a orientar suas economias para a industrialização, buscando substituir as importações de produtos dos países do centro econômico. O economista brasileiro – e um dos maiores nomes da Teoria da Dependência – Theotônio dos Santos aponta em seu livro, “A Teoria da dependência: balanços e perspectivas” (2002), que o desenvolvimento iniciado no período citado foi inserido em uma hegemonia econômica global liderada por forças imperialistas que, mesmo em crise, ainda tinham muito poder no mundo. Assim, a Teoria da Dependência defende que o sistema político-econômico global é essencial para a compreensão das unidades nacionais e



Theotônio dos Santos (1936 - 2018) foi um economista brasileiro e está entre os formuladores da Teoria da Dependência e um dos principais expoentes da Teoria do Sistema-Mundo.

regionais, com as economias dos países periféricos condicionadas pelo desenvolvimento dos países centrais².

A Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) da ONU foi uma influência importante no surgimento da teoria. Os estudiosos da CEPAL, chamados de estruturalistas, argumentaram que o subdesenvolvimento da América Latina estava diretamente relacionado aos interesses do

“centro imperial”, que buscava uma fonte de produtos agrícolas e matérias-primas na região, desencorajando assim a industrialização³. No entanto, após os diversos golpes civis-militares ocorridos na América Latina na década de 1960, a perspectiva estruturalista começou a receber críticas de diferentes segmentos, inclusive de pesquisadores de esquerda. Foi a partir desse contexto que se iniciou a criação da Teoria da Dependência.

O conceito de subdesenvolvimento para os dependentistas é um aspecto importante da teoria. Celso Furtado, um dos maiores teóricos dessa escola, explica em seu livro “O Mito do Desenvolvimento Econômico” (1974), que o subdesenvolvimento é resultado do processo de industrialização global iniciado com a Revolução Industrial. O primeiro tem origem no aumento da produtividade do trabalho gerado pela realocação de recursos para obter vantagens comparativas no comércio internacional. O fator decisivo para a distribuição do rendimento nas economias subdesenvolvidas é a pressão criada pelo processo de modernização. Essa tentativa de reproduzir os padrões de consumo dos países centrais reflete um processo de dominação cultural das nações desenvolvidas nos países periféricos. O fator decisivo para a dependência da periferia em relação ao centro é, portanto, o fato de que as nações subdesenvolvidas permanecem satélites culturais dos países desenvolvidos e têm um processo de acumulação de capital muito menor do que estes últimos.

O fenômeno da dependência começa então, com a imposição externa de padrões de consumo que só podem ser sustentados por meio da geração de excedentes no comércio exterior.

A Teoria da Dependência foi a primeira contribuição dos países periféricos para o estudo do desenvolvimento e forneceu ferramentas conceituais importantes para a compreensão do caso latino-americano. Além disso, foi a primeira teoria na região que superou barreiras geográficas e influenciou o ambiente acadêmico dos países desenvolvidos⁴. Segundo Theotônio dos Santos, a Teoria da Dependência provocou um reordenamento das questões das ciências sociais na América Latina, trazendo novas preocupações para a análise socioeconômica e novas opções metodológicas inspiradas

na fundamentação teórica dos pesquisadores dessa escola⁵. O acúmulo de novas propostas metodológicas na América Latina...

“ refletiu a crescente densidade de seu pensamento social, que foi além da simples aplicação de reflexões, metodologias ou propostas científicas importadas de países centrais para abrir um campo teórico próprio, com sua própria metodologia, seu tema identitário e seu caminho para uma práxis mais realista (dos Santos, 2002, p. 24).

Um exemplo dessa influência foi a criação da Teoria do Sistema Mundo, que Theotônio e vários outros autores consideram uma evolução da escola da dependência. Além disso, não foi apenas no campo acadêmico que a Teoria da Dependência impactou a América Latina. Desde o seu início, a teoria foi influenciada pelo cenário político da região, pois a década de 1960 representou uma época em que os movimentos revolucionários de esquerda haviam sofrido uma derrota momentânea e convergiam principalmente no Chile para reunir forças para uma nova ofensiva⁶. Em 1964, o golpe militar no Brasil instaurou uma violenta ditadura, na qual vários pensadores de esquerda foram exilados, como Theotônio dos Santos, Enzo Faletto e Fernando Henrique Cardoso. Estes acabaram se encontrando no Chile, e o país se tornou um dos mais importantes centros de resistência latino-americana contra as ditaduras⁷. Foi nesse contexto de revolução que a Teoria da Dependência foi criada.

Assim, a teoria influenciou significativamente o desenho do programa Unidade Popular do Chile (UP), a coalizão partidária que governou o Chile entre 1970-73 sob a liderança do presidente

Salvador Allende. Além do Chile, a Teoria da Dependência influenciou vários programas políticos em toda a América Latina, como a Teologia da Libertação no Peru e o Governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC) no Brasil (1995-2002).

A Teoria da Dependência tem como objeto o desenvolvimento e analisa criticamente as relações entre os países da periferia e os do centro, argumentando que as estruturas globais condicionam o desenvolvimento da América Latina e de outras regiões. O impacto da Teoria da Dependência tanto no debate acadêmico quanto na prática política na América Latina é inegável. No entanto, esta escola não é homogênea; produziu diferentes correntes teóricas e foi alvo de várias críticas e debates. Especialmente no que diz respeito ao seu determinismo econômico percebido e atenção insuficiente aos fatores internos nos países periféricos.

Gabriele Caldas

Mestra em Desenvolvimento Internacional pela Universidade de Bath, Inglaterra.



Para uma análise mais aprofundada da teoria e um estudo de caso sobre o governo FHC e sua relação com a Teoria da Dependência, você pode visitar o nosso portal e ler o artigo “A Teoria da Dependência e seus impactos na América Latina”.

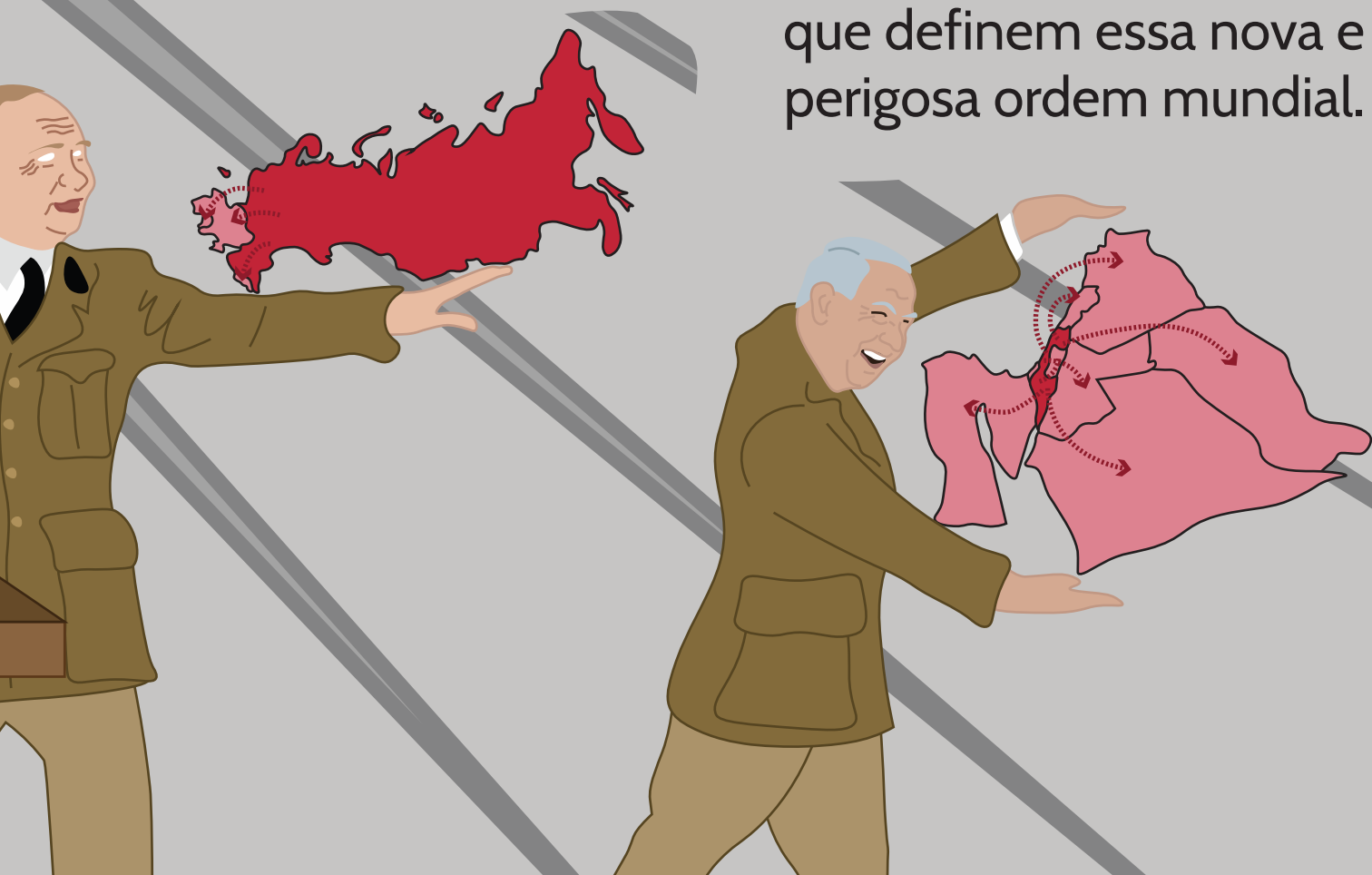


O FIM DA DO PÓS-



A ORDEM -GUERRA

O movimento de expansão territorial por parte de líderes com vieses imperialistas já era uma realidade global. No entanto, com a volta do movimento "MAGA" (em português, “faça os EUA grandes novamente”) à Casa Branca os Estados Unidos, a maior potência econômica e militar do mundo, se juntam ao grupo daqueles que questionam a segurança mundial, potencializando toda a questão. Nesta edição, aprofundamos a análise de casos específicos que definem essa nova e perigosa ordem mundial.



Da vontade de comprar à de invadir: entendendo os interesses árticos de Trump

Por mais que o assunto tenha sido trazido de volta pelo então e atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a saga dos interesses estadunidenses no Ártico não foi iniciada pelo atual mandatário da Casa Branca. Na verdade, há cerca de dois séculos, políticos dos EUA têm tentado tomar controle da ilha que está sob domínio dinamarquês desde 1814, após a separação da união entre os reinos da Noruega e Dinamarca.

Em 1867, os primeiros planos formais para a anexação do território groenlandês foram sugeridos por políticos estadunidenses. William H. Seward, que havia negociado a compra do Alasca (à época, território do Império Russo), propunha a anexação não só da Groenlândia, mas também da Islândia (também à época sob tutela de Copenhague), como forma de expandir a influência estadunidense. Um relatório publicado à época pelo governo do país considerava a proposta como bastante positiva para os interesses de Washington. Além das riquezas que esses territórios poderiam trazer (de alimentos a minerais), ter esses territórios sob tutela estadunidense poderia encorajar o Canadá a entrar (ainda de bom grado) na federação.

A primeira proposta foi de 5,5 milhões de dólares em ouro (equivalentes a 124,5 mi de dólares estadunidenses nos dias de hoje). Ela, porém, não chegou a ser efetivada. Discute-se que o motivo fosse a falta de apoio no Congresso para a compra das Índias Ocidentais Dinamarquesas (no Caribe). A associação de Seward, um republicano, com o então presidente democrata, Andrew Johnson, que não era tão popular entre os republicanos no Congresso, é também um motivo apontado para a falha no avanço da proposta.

No início do século XX, haveria uma nova tentativa. Rumores apontam que a negociata da vez contava também com interesses em Copenhague. Os Estados Unidos receberiam a Groenlândia e as Índias Ocidentais Dinamarquesas e, em troca, cederiam à Dinamarca as ilhas de Mindanao e Palawan, nas Filipinas. Copenhague usaria essas ilhas para obter o território do Eslévio Norte da Alemanha.

Em 1902, porém, um tratado para a compra das ilhas caribenhas já estava acertado no Congresso dos EUA e em uma das câmaras legislativas da Dinamarca, mas não obteve apoio na câmara baixa,

Territórios no Ártico

A Groenlândia se localiza em um ponto estratégico do Oceano Ártico, permitindo acesso à Europa e à Rússia



o que fez com que a proposta caísse. Na Primeira Guerra Mundial, Washington tentaria novamente comprar as ilhas, mas reconhecendo a soberania dinamarquesa sobre o território da Groenlândia. O tratado que permitiu a aquisição das ilhas dinamarquesas pelos EUA atestava que “os EUA não se oporão a que o Governo dinamarquês alargue os seus interesses políticos e econômicos a toda a Groenlândia”. Ainda no fim da 1ª Guerra, houve uma proposta do Canadá para que o Império Britânico comprasse a Groenlândia para impedir que os EUA as adquirissem, colocando em perigo a soberania canadense.

Seguindo a Doutrina Monroe, Washington se opunha a qualquer “expansão estrangeira” no continente americano. E, assim, quando Copenhague requereu o reconhecimento oficial de sua soberania sobre a Groenlândia às demais nações, os britânicos exigiram um direito de veto a uma possível venda e os estadunidenses se recusaram a aceitar essas condições.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a preocupação em obtenção da ilha retornou após a inva-

são da Dinamarca pelos nazistas. Na Groenlândia, encontrava-se, à época, a única mina significativa do minério “criolita”, que era cobiçado pelos nazistas. Vendo a vontade dos alemães em tomar controle da ilha e imaginando que britânicos e canadenses poderiam também ter o mesmo interesse, forças estadunidenses planejaram a invasão da ilha.

Ainda como neutro na 2ª Guerra Mundial, as forças dos EUA que invadiram a Groenlândia não estavam associadas ao exército do país. A partir de abril de 1941, um ano após a conquista nazista da Dinamarca, a Groenlândia passou a ser um protetorado estadunidense. Durante a ocupação estadunidense, bases aéreas foram construídas na ilha. Com o fim do conflito, Copenhague esperava que Washington deixasse a ilha (o que não ocorreu). Sem poder forçar sua vontade sobre os EUA, os dois países entraram em acordos que permitiam a Washington manter suas bases aéreas, mas Copenhague continuaria com o controle da ilha (que perderia o estado de colônia com a nova constituição dinamarquesa dos anos 1950). Durante esse período, os EUA tentaram comprar a ilha novamente por duas vezes, ambas rejeitadas pela Dinamarca.

Até então, as tentativas de compra do território foram justificadas com interesses econômicos, relacionados à extração de petróleo e minérios, e de segurança, para impedir ataques soviéticos do outro lado do Ártico. Neste século, um novo ator (que não tem territórios na região) entrou no embate: a China.

Enquanto os EUA reiteram que a China não é uma potência do ártico, Pequim tem se esforçado para, em cooperação com Moscou, consolidar-se como uma potência que tem influência na região do ártico, sobretudo em seus novos planos de uma Nova Rota da Seda, exportando bens para a Europa.

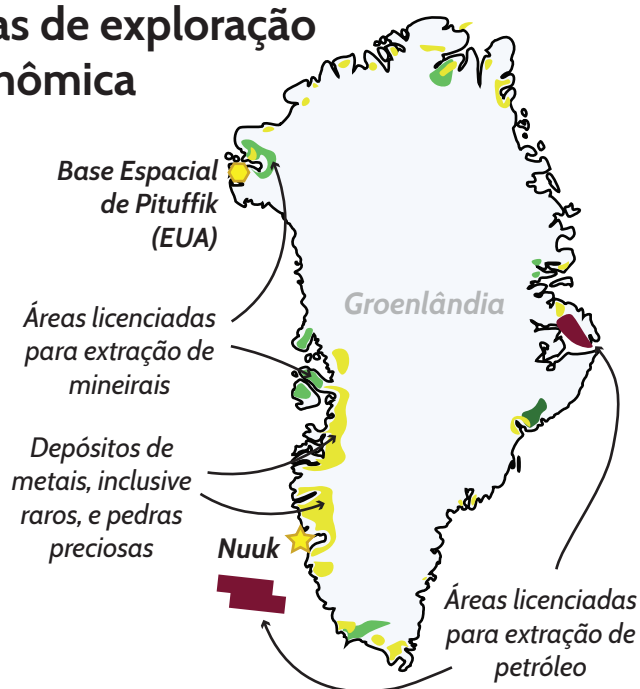
Rotas para exportação chinesa

Rota tradicional, via Suez, demora o dobro do que é previsto pela rota ártica



Considerando as mudanças climáticas que facilitam o trânsito na região e seu uso econômico, os EUA veem a cooperação entre a China e a Rússia como uma ameaça a seus interesses na região. Nesse sentido, a maior movimentação em uma zona estratégica próxima ao território estadunidense, por parte dessas duas nações vistas como inimigas, é acompanhada por uma vontade maior de Washington em aumentar sua influência na região ártica.

Áreas de exploração econômica



Desta maneira, as falas de Donald Trump em 2019 e, agora, em seu segundo mandato, não apresentam uma novidade *per se* na história estadunidense de tentativas reiteradas de controle sobre a ilha ártica. A mais recente investida de Trump, no entanto, é inédita na forma em que ela se apresenta: em meio às ameaças do atual presidente dos EUA em interferir em outros países e reformar a ordem internacional à sua maneira, as ameaças de tomar a ilha mesmo usando força militar adiciona uma nova camada nas inseguranças referentes à defesa militar dos (ainda) aliados europeus e, mais globalmente, aos demais países em relação à nova realidade mundial que estaria trazendo de volta a antiga lógica realista, supostamente superada no pós-Segunda Guerra Mundial, de que os mais fortes mandam e os demais obedecem. Enquanto parece demonstrar um interesse em uma relação relativamente amigável com Moscou, Trump continua argumentando sobre uma necessidade de segurança nacional de anexação da Groenlândia a fim de deter o avanço da China na região.

Caio Ponce de Leon R. F.

Doutorando em Ciência Política na Universidade de Duisburg-Essen, Alemanha

Soberania em jogo: o Canadá enfrenta o peso da política externa de Trump

Tensões entre o Canadá e os Estados Unidos (EUA) têm se afluído desde que o republicano Donald J. Trump tomou posse como chefe do executivo de Washington. No entanto, é importante ressaltar que, historicamente, os países têm tido uma boa relação, com o realce de cooperações tanto econômicas quanto de segurança. Nesse sentido, por que houve uma guinada na relação entre os dois atores?

É importante compreender, como dito anteriormente, que os dois países tinham uma boa relação. Portanto, as práticas diplomáticas entre os dois atores sofreram uma guinada para um processo de deterioração. O atual primeiro-ministro do Canadá, Mark Carney, comentou em março deste ano que seu país deve repensar a relação que possui com os EUA, ao afirmar que a “velha relação bilateral chegou ao fim”, segundo a CNN World. Os motivos por trás da reação canadense quanto às relações dos países foram acendidos por falas hostis proferidas por Trump, como a ideia de que o Canadá deveria “tornar-se o 51º estado estadunidense”. A fala repercutiu tão negativamente que, segundo a Ministra da Inovação, Ciência e Indústria do Canadá, Mélanie Joly, canadenses estão vaiando o hino americano em jogos de hóquei por estarem com raiva e desapontados com Trump e os EUA, de acordo com a BBC News. Não obstante, os episódios que deterioraram a relação entre os dois países também afetaram profundamente a política interna de Ottawa.

É importante realçar que, no início do ano de 2025, Justin Trudeau era o primeiro-ministro da nação canadense. Porém, em um cenário marcado por tensões políticas envolvendo sua nação e os EUA, Trudeau renuncia, levando Mark Carney a ocupar o cargo vacante. O fato é marcado pela imposição de tarifas, conduta que vem caracterizando a política externa dos EUA, feita por Trump ao Canadá. Nesse sentido, menos de duas semanas após ocupar o posto, Carney requisitou a dissolução do parlamento e convocou novas eleições para o dia 28/04/2025. As decisões políticas tomadas por Carney refletem sua tentativa de fortalecer o Partido Liberal,

sua legenda, para que se atravessasse a estrada de instabilidade causada pelo cenário descrito. O Partido Liberal, não obstante, atravessava problemas por motivos relacionados ao aumento do preço de moradias e agravamentos econômicos. Portanto, com as tarifas impostas, Carney – que já foi governador do Banco do Canadá e da Inglaterra – convocou eleições para revitalizar os ares para o seu partido, provando que seria a melhor opção em detrimento da oposição, o Partido Conservador.

As eleições foram convocadas em um

Desejo de anexação

Houve várias tentativas por parte dos EUA de anexar o território do Canadá. Desde a tentativa de juntar as províncias às Treze Colônias, para uma independência em conjunto do Reino Unido, até as tentativas de invasão do território canadense durante a Guerra Civil e a Guerra de 1812 (entre os EUA e o Reino Unido), Washington não teve sucesso em expandir seu território ao norte. Após o Tratado de Washington de 1871, que estabeleceu relações amigáveis entre os EUA e o Reino Unido, e reconheceu de facto a existência do “Domínio do Canadá”, não houve tentativas sérias por parte de figuras estadunidenses de anexar o Canadá. Até Trump.



momento de crescente nacionalismo canadense, alimentado pelas investidas hostis de Donald Trump. Assim, o candidato que se destacasse como o mais preparado para enfrentar a ameaça de uma recessão econômica causada por essas tensões seria o favorito para liderar o país.

Nesse sentido, os resultados das eleições de abril favoreceram Carney, líder do partido Liberal, que assumiu a posição como primeiro-ministro, apesar de estar no posto anteriormente em virtude da renúncia de Trudeau. A escalada das tensões entre os dois países foi impulsionada pela imposição de tarifas, uma medida que, segundo a lógica de Trump, visava proteger empregos domésticos e retaliar o que ele considerava práticas desleais de comércio internacional. Não obstante, vale ressaltar que o Canadá exporta $\frac{3}{4}$ dos seus bens para os EUA, o que os caracteriza como um importantíssimo parceiro comercial.

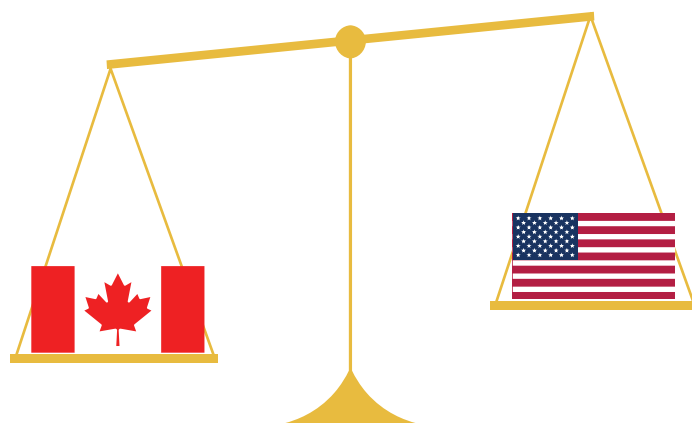
No entanto, segundo reportagem da BBC News, Carney afirma que a preocupação da política exterior do país não é chegar ao melhor acordo com os EUA, mas sim, fazer aquilo que é melhor para o povo canadense. Portanto, em meio às imposições de tarifas, Carney ressaltou medidas protetoras de sua economia, como a imposição de tarifas em importações de alumínio – um dos principais produtos exportados – e madeira.

Verifica-se, dessa forma, que o Canadá segue resistindo bravamente com o esmorecimento das relações com os EUA. Em meio às imposições de tarifas, que servem para alavancar a narrativa de que o Canadá deveria tornar-se o 51º estado dos EUA, Carney segue firme em driblar os desafios e impor, de uma vez por todas, que sua nação é soberana e independente, a qual nunca irá submeter-se aos EUA. Apesar de tudo, o republicano retratava a questão em diversas ocasiões, afirmando que os Estados Unidos não precisavam do Canadá, mas que o oposto não era verdadeiro. O plano, portanto, não deve se concretizar, apesar do futuro da relação entre as duas nações permanecer incerto.

Dimitri Cavalcanti

Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Balança comercial atual



Em 2024, o Canadá representava a terceira maior fonte de produtos importados nos EUA, totalizando 413 bilhões de dólares estadunidenses em importações por parte dos EUA. Por outro lado, o Canadá representou, no mesmo ano, o destino número um dos produtos dos EUA, tendo importando um valor total de 349 bilhões de dólares.

Esses números dão a ideia de um déficit de cerca de US\$ 64 bilhões para os EUA.

Excluindo a parte de serviços, no entanto, o Canadá tem tido constantes déficits para os EUA desde 1985, o que permite relativizar o discurso de Trump sobre perdas dos Estados Unidos no comércio com o vizinho do norte.

No tarifaço da Casa Branca, o Canadá recebeu, inicialmente, tarifas de 25% sobre seus produtos que foram aumentadas para 35% a partir de 1º de agosto de 2025. Ottawa retaliou reciprocamente os EUA com uma taxa de 25% sobre produtos do vizinho. Mais tarifas retaliatórias são planejadas pelo governo canadense (mas estão atualmente “pausadas”).

Conflito russo-ucraniano: três anos de guerra e o esforço de resistência

Iniciada em 24 de fevereiro de 2022, a guerra entre Rússia e Ucrânia – cujo desfecho rápido era considerado praticamente certo por diversos analistas militares – já ultrapassa os mil dias de duração, sendo o maior conflito armado em território europeu desde a Segunda Guerra Mundial. Mas ainda antes da invasão da Ucrânia em 2022, a anexação da Crimeia pela Rússia, em 2014, já havia violado a soberania territorial ucraniana. A continuidade desse embate tem ido de encontro a uma série de pressupostos nas teorias das Relações Internacionais, particularmente no que se refere à condução estratégica de guerras no século XXI.

Logo nos primeiros meses de conflito, muitos duvidaram da capacidade da Ucrânia de sustentar uma resistência eficaz. No entanto, o primeiro ano de guerra revelou uma surpreendente resiliência por parte do país invadido, que conseguiu não apenas sobreviver ao avanço russo, mas também recuperar importantes porções de território. A habilidade ucraniana de adaptação rápida e constante inovação no campo de batalha surpreendeu estudiosos e especialistas em segurança internacional, especialmente diante da assimetria flagrante entre os dois exércitos.

Embora o apoio técnico, financeiro e militar de países ocidentais – sobretudo Estados Unidos e membros da OTAN – tenha sido importante ao longo desses três anos, o protagonismo ucraniano se manteve evidente. O esforço das mãos e das mentes ucranianas é notório: desde o uso massivo e criativo de drones de pequeno porte até o refinamento de contra-medidas de guerra eletrônica. Tais iniciativas materializam, no campo de batalha, a clássica máxima do marechal prussiano Helmut von Moltke: “Nenhum plano de batalha sobrevive ao contato com o inimigo”.

A crença de que a modernidade das armas impediria o retorno a guerras de atrito prolongadas mostrou-se infundada. Nem mesmo o receio do uso de armas nucleares táticas foi capaz de impedir o prosseguimento de uma guerra convencional de larga escala. Isso apenas reforça a dificuldade persistente de se formular estratégias eficazes em tempos de incerteza – algo que nem

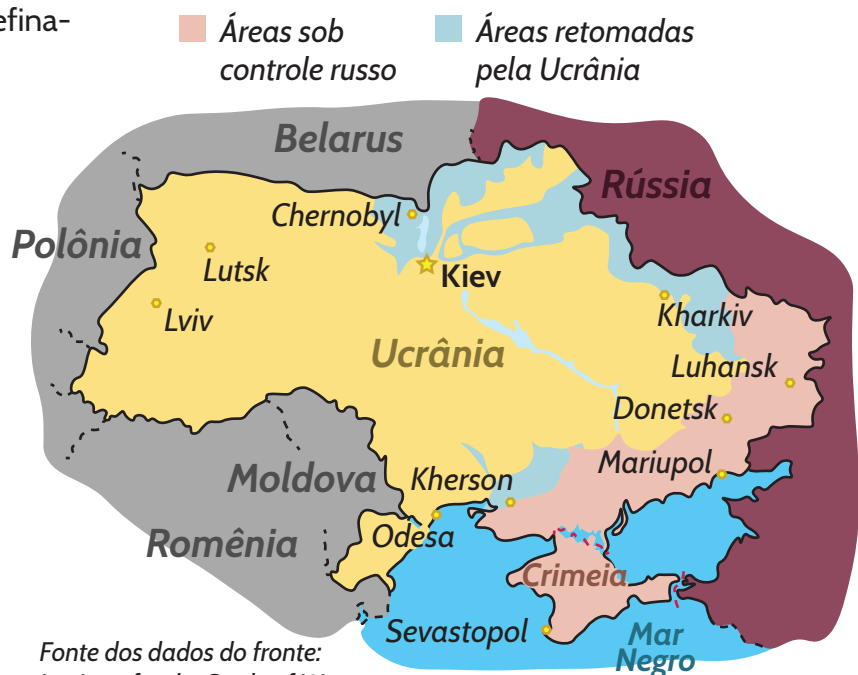
mesmo os avanços tecnológicos conseguiram superar.

Conceitos como estratégia, arte operacional e tática continuam a ser subjetivos e, muitas vezes, dependem de fatores imprevisíveis. A “névoa da guerra”, teorizada por Clausewitz no século XIX, nunca esteve tão presente quanto hoje, em um cenário onde a Inteligência Artificial e a desinformação coexistem com as batalhas tradicionais. A guerra permanece, assim, como um jogo de probabilidades, fortemente condicionada pelo acaso e pela vontade política dos atores envolvidos.

Nesse contexto, os fatores psicológicos e sociais são tão relevantes quanto os militares. A moral das tropas, o apoio da população civil e a percepção pública sobre os rumos do conflito influenciam diretamente o esforço de guerra. Na Ucrânia, a continuidade da guerra tem imposto um elevado custo humano. Com o esgotamento do contingente militar disponível, o governo reduziu a idade mínima para o alistamento obrigatório, gerando crescente resistência interna. Hoje, são cada vez mais frequentes as notícias de protestos, fugas e confrontos físicos durante tentativas de recrutamento. Já na Rússia, embora com menos visibilidade

Estágio atual da Guerra na Ucrânia

atualizado no início de julho de 2025



Fonte dos dados do fronte:
Institute for the Study of War

visibilidade midiática, também há relatos de tensões em regiões mais periféricas, sobretudo entre minorias étnicas e populações de áreas rurais, que vêm sendo desproporcionalmente mobilizadas para a linha de frente, em comparação aos residentes de Moscou e São Petersburgo. Nesse sentido, ambos os países têm tentado angariar esforços estrangeiros, oferecendo vantagens financeiras e até mesmo facilidades para obtenção de cidadania – como no caso da Rússia.

No que diz respeito à inovação tecnológica, a guerra tem sido como um verdadeiro laboratório de experimentações. Embora os drones não sejam novidades no campo militar, seu uso pela Ucrânia assumiu uma dimensão inédita. O emprego siste-

mático de drones de Classe 1, modelo *First-Person-View* (Visão em Primeira Pessoa - FPV), em ataques a alvos estratégicos, vem desafiando concepções tradicionais de guerra. Um exemplo ilustrativo foi o ataque coordenado contra bombardeiros russos Tupolev, estacionados em bases aéreas nas regiões de Ryazan, Chelyabinsk, Murmansk, Kursk e Irkutsk, em 01 de junho de 2025. Apenas 177 desses pequenos drones foram capazes de danificar ou inutilizar aproximadamente 30% da capacidade aérea convencional russa.

A chamada “Operação Teia de Aranha” não apenas expôs vulnerabilidades estruturais na defesa antiaérea russa, como também reafirmou a relevância de forças especiais e da inteligência tática em cenários de conflito convencional. Contudo, à medida que inovações tecnológicas ampliam as capacidades de ataque assimétrico e reduzem a previsibilidade das ações militares, cresce também a insegurança estratégica, especialmente entre potências nucleares.

Ao contrário da novidade dos drones, as armas nucleares representam uma continuidade de um dilema já visto desde a aquisição desse armamento pela União Soviética, em 1949. Por um breve período, os EUA permaneceram como único país a possuir esta tecnologia. Porém, a partir do momen-

to que a União Soviética, cuja principal herdeira é a Rússia, adquiriu esse armamento, o cálculo sobre o emprego de uma arma nuclear em conflito mudou. Mesmo quando se trata de um conflito onde apenas um dos atores é nuclearmente armado, como é o caso do conflito russo-ucraniano, há um custo político sobre o emprego de armas nucleares. Mesmo a China, já chegou a declarar sua objeção ao uso de ameaças nucleares. “As armas nucleares não devem ser usadas e as guerras nucleares nunca devem ser travadas. A ameaça ou uso de armas nucleares deve ser combatida”, afirma documento emitido pelo governo chinês quando o conflito completou um ano.

Assim, embora improvável, a possibilidade

de emprego desse tipo de armamento paira sobre a Ucrânia desde o início da invasão de 2022. A Ucrânia abriu mão de ser um país nuclearmente armado, enquanto herdeira do legado soviético, tendo aberto mão de seu arsenal em troca de garantias de segurança da Rússia, Reino Unido e Estados Unidos. Claramente, o que foi

acordado no Memorando de Budapeste (1994) não foi cumprido, já que o país foi invadido e, embora EUA e Reino Unido tenham contribuído para a sua defesa contra a Rússia, não puderam garanti-la.

Operação Teia de Aranha

mapa de ataques de drones ucranianos a bases russas no dia 1º de junho de 2025



Base de lançamento

Base destruída

Base atacada

Base não atacada

Cinthya Araújo

Mestranda em Ciência Política e Relações Internacionais na Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Maria Mont’Serrat dos Santos

Mestranda em Ciência Política e Relações Internacionais na Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

O conflito entre Israel e Palestina e os movimentos de resistência ao neocolonialismo

O conflito entre israelo-palestino é um dos mais complexos e duradouros da história contemporânea, marcado por nuances de disputas territoriais, violência estrutural e relações assimétricas de poder. Embora possa ser analisado por diferentes perspectivas, toma-se a relevância de debatê-lo através da lente do colonialismo e da resistência palestina.

O sionismo, enquanto ideologia nacionalista, estabeleceu desde o século XIX a premissa de que a criação de um Estado judeu exigia a transformação demográfica da Palestina. Essa lógica materializa-se após 1948 através de um movimento de expulsão massiva de palestinos e a implantação de assentamentos coloniais que fragmentam o território e isolam comunidades, seguindo uma lógica colonial no território.

A ocupação israelense caracteriza-se como um colonialismo de povoamento, no qual a terra é tomada e repovoada por colonos, enquanto a população local é marginalizada ou expulsa. O objetivo central desse processo funda-se na exploração econômica e na eliminação simbólica e material do povo palestino, seja por meio de aniquilação ou de assimilação forçada. Essa lógica é sustentada por aparatos militares herdados por forças externas que atuam para controlar e reprimir a resistência palestina contra a opressão sionista. Essa militarização do território, com barreiras físicas e violências sistemáticas apoiadas por nações estrangeiras, reforçam uma conjuntura de segregação que impede o acesso a recursos básicos, como água e terra, aprofundando a dependência e a fragilidade da Palestina.

É diante desse quadro que os movimentos de resistência palestina emergem como uma resposta direta à opressão colonial. Desde a primeira Intifada (1987-1993), marcada por protestos populares e desobediência civil, até a atuação de grupos como a Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), a resistência assume variadas formas, unindo estratégias políticas, culturais e armadas.

Esses movimentos procuram denunciar a violência israelense, assim como reafirmar a identidade e soberania palestina, contestando a narrativa sionista que nega ao povo o direito à terra.

Evolução do controle israelita sobre o território árabe

A importância dos movimentos de resistência reside em sua busca pela contraposição às forças coloniais e na busca por justiça e autodeterminação.

Enquanto Israel dá continuidade às políticas de

expansão de assentamentos e controle de recursos, a resistência palestina, enquanto produto direto da opressão colonial, surge em resposta às ações predatórias. As estratégias se direcionam à descolonização da Palestina e à garantia de sua existência não será ceifada, constituindo-se como projetos de libertação que encaram estruturas de poder, dominação e opressão. Mais do que uma reação à violência, a resistência afirma-se também como um projeto político de descolonização, contestando as estruturas internacionais que o sustentam.

Dialogar sobre estes movimentos é uma forma de preservar a memória viva de uma luta que segue inspirando povos oprimidos em diversas localidades e condições. Mesmo diante de assimetrias de poder, a organização coletiva e a defesa intransigente da dignidade permanecem florindo. Entretanto, é válido lembrar que por trás dessa resistência está um conflito visceral que, em sua complexidade, continua ceifando vidas: milhares de palestinos são mortos em ataques armados ou de cerceamento de direitos básicos. Essa violência contínua, alimentada por décadas de inércia da comunidade internacional, demonstra que mortes no oriente médio não chocam o ocidente. Mas, enquanto a Palestina resistir, haverá o lembrete de que nenhum povo aceitará pacificamente seu próprio apagamento.

Vitória S. Fernandes

Graduanda em Relações Internacionais na Universidade Federal da Paraíba, Brasil.



China e Taiwan: História, Disputa e o Papel dos Estados Unidos no Equilíbrio do Estreito

Desde o século XVI, Taiwan vive sob influência da China. Em um primeiro momento, isso era visto como algo positivo, pois afastou a ocupação europeia sobre o território. Em 1684, a ilha foi anexada oficialmente à nação chinesa. Com o passar dos anos, houveram oscilações nessa influência: após a Primeira Guerra Sino-Japonesa, a China perdeu o território para o domínio japonês, em que se seguiram diversos levantes e resistência por parte dos moradores da ilha.

Em 1912, o enfraquecimento da monarquia reduziu a resistência contra o império japonês. O fim da dinastia Qing na China inaugurou um novo período. Após a revolução republicana e nacionalista contra o imperador, o país passou a se chamar República da China. Nessa época, o país estava muito dividido e com sua política muito fragmentada. As elites políticas aproveitaram para exercer governos paralelos em suas zonas de influência, tornando difuso o poder sobre o território. Portanto, a criação de zonas de independência fragmentou a China, e como esse processo aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial, houve pouco apoio internacional.

Durante esse momento, também havia uma forte divisão entre o Partido Nacionalista (Kuomintang) e o Partido Comunista da China (PCCh). As discordâncias deram início à primeira fase da Guerra Civil Chinesa, em que os nacionalistas combateram os comunistas e conseguiram afastá-los para áreas isoladas e rurais. Os dois grupos só foram se unir durante a Segunda Guerra Mundial, em uma unidade militar contra o Japão. Com o fim da guerra, a China foi muito valorizada pela comunidade internacional, porque era vista como um dos pilares na derrota do império japonês. Com isso, recebeu os territórios perdidos de volta, inclusive Taiwan.

Entre os anos de 1946 e 1949, a China continuou vivendo uma Guerra Civil, em que o PCCh conseguiu apoio da URSS para vencer os nacionalistas. Para evitar uma derrota monstruosa, o Kuomintang se deslocou para Taiwan, declarando Taipei como a nova capital da República da China, e trazendo consigo um grande fluxo migratório para o território.

Em 1949, Mao Tsé-Tung, líder do Partido Comunista, mudou o nome do país para República

Popular da China (RPC). Ambos os governantes, da República da China – agora sediada em Taiwan – e da RPC, afirmavam ser a China verdadeira, e passaram a disputar qual dos dois governos tinham legitimidade para responder como China. Em 1955, a Resolução de Formosa oficializou o apoio dos Estados Unidos à Taiwan. As lideranças nunca assinaram um cessar-fogo, e a questão permanece em aberto. Ambas as Chinas adotaram a política “apenas uma China”, o que significa que quem apoia uma, não pode ter relações com a outra.

Ganhos territoriais dos comunistas na Guerra Civil Chinesa entre 1946 e 1950



■ Áreas comunistas em 1946

■ Áreas conquistadas em jun. de 1948

■ Áreas conquistadas em dez. de 1949

■ Áreas conquistadas em 1950

↓ Avanços comunistas

■ Zonas importantes de resistência nacionalista

■ Zonas mantidas por nacionalistas pós 1950

Desde sua criação, a ONU reconhecia a República da China, mas como a China continental conquistou grande protagonismo internacional, não era uma opção mantê-la fora da organização. Em 1971, a ONU reconheceu a República Popular da China como a representante oficial da China, excluindo Taiwan do fórum multilateral. Mais recentemente, em maio de 2025, Taiwan também foi excluída da assembleia da OMS após oposição da China. Portanto, nas instituições internacionais evidencia-se que Pequim busca reforçar sua política de “apenas uma China”, rivalizando com visões que sejam contrárias a esse pressuposto. Taiwan vê a RPC como ilegítima, a RPC vê Taiwan como uma ilha rebelde.

Outro ponto a ser analisado nas relações entre China e Taiwan é a posição dos Estados Unidos nesse complexo conflito. Os EUA passaram a investir em Taiwan para desenvolver a economia e tecnologias, durante a Guerra Fria. Em 1º de janeiro de 1979, os EUA reconheceram oficialmente a RPC como o governo legítimo da China. Por consequência, as relações diplomáticas do país com as autoridades de Taiwan foram encerradas.

Contudo, em abril do mesmo ano, o Congresso estadunidense aprovou o “*Taiwan Relations Act*” (TRA), que tinha como objetivo a manutenção de laços comerciais, culturais e estratégicos com Taiwan, preservando os interesses dos EUA na região. Além disso, Washington se comprometeu a assegurar a paz na ilha, autorizando também a venda de armamentos modernos a Taiwan.

Mais recentemente, a visita da presidente da Câmara dos Estados Unidos, Nancy Pelosi, à Taiwan, no dia 02 de agosto de 2022, também foi um marco importante nas relações entre Washington e Taipei. A visita da congressista foi a primeira vez que um presidente da Câmara estadunidense foi, oficialmente, a Taiwan em 25 anos. Duas semanas depois, uma delegação norte-americana, composta por senadores e deputados, chegou à ilha taiwanesa no dia 14 de agosto de 2022. Tais eventos colocaram em evidência um conflito não só político, mas também comercial, entre China e Estados Unidos acerca da nação insular. Já em 2024, o presidente norte-americano Joe Biden afirmou que os EUA não apoiavam a independência de Taiwan, após vitória de partido contrário à unificação com a China nas eleições presidenciais de Taipei. No final do mesmo ano, os EUA aprovaram a venda de US\$ 385 milhões¹ em equipamentos militares para Taiwan, o que gerou opiniões conflituosas em Pequim.

Nesse sentido, observa-se que a relação entre EUA e Taiwan é complexa, sem reconhecimento diplomático implícito. Ainda assim, a posição estratégica - e ambígua - de Washington na região, com apoio militar e econômico, não passa despercebida pelas autoridades chinesas e é muitas vezes fruto do conflito entre a RPC e o governo norte-americano. Vale ressaltar que a China também exerce exercícios militares frequentes ao redor de Taiwan, que são caracterizados como “aviso severo” e reforço da posição de Pequim na região. Com a eleição de Donald Trump para um novo mandato, as relações entre Taiwan e EUA também foram impactadas devido às novas tarifas comerciais impostas pela Casa Branca, que levantou a necessidade de Taipei considerar novos mercados para suas exportações.

Em suma, a aproximação entre Estados Unidos e Taiwan, fundamentada no *Taiwan Relations Act*, é vista como uma ameaça ao poderio chinês na Ásia, visto que Taiwan constitui uma das principais zonas de influência do governo Xi Jinping. Por essa razão, exercícios militares e demonstrações da supremacia militar chinesa no entorno da ilha são episódios frequentes. Ao longo dos anos, o governo estadunidense tem mantido relações econômicas e militares com Taiwan, o que reforça uma possível estratégia de dissuasão de Washington na região. A presença dos EUA em Taipei impediria a China de avançar em um projeto de anexação da ilha.

O novo governo Trump apresenta uma nova abordagem dos Estados Unidos para o conflito, visto não apenas no tarifaço e na nova política econômica adotada para a Ásia, mas também nas declarações do presidente, que quando questionado em fevereiro de 2025 se os EUA impediriam China de tomar Taiwan, se absteve de uma resposta. Apesar disso, é importante salientar que a questão China e Taiwan é de grande importância para a política de segurança norte-americana e, conforme apresentado no *Taiwan Relations Act*, o país se compromete formalmente com a manutenção da paz na região. A questão a ser analisada, nesse cenário, é até que ponto esse comprometimento pode ameaçar a política de uma só China e, desse modo, culminar em um possível conflito no Estreito de Taiwan.

Anna Luisa Soares

Graduanda em Relações Internacionais na Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Carla Gomes

Graduanda em Relações Internacionais na Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Estratégias e oportunidades na (des)ordem mundial: União Europeia

Alexander Stubb - atual presidente da Finlândia e ex-reitor da *European University Institute* - é uma das várias vozes (vide os demais artigos deste volume) que apontam o desfazer do arranjo global pós-Guerra Fria, marcado pela hegemonia estadunidense e um sistema internacional construído em termos valorativos - Direitos Humanos, livre-mercado, democracia, etc. Segundo ele, não há, ao menos não ainda, uma clara direção para a nova ordem mundial que se estabelece. Portanto, ela, em sua fase transitória e incerta, é fundamentalmente uma desordem.

Isso não é dizer que as potências mundiais não tenham suas próprias agendas e opiniões sobre como a nova ordem se construirá, mas sim que o sucesso na implementação dessas visões de mundo ainda é incerto. De acordo com Applebaum, por exemplo, China e Rússia têm adotado estratégias discursivas e práticas para remodelar a ordem global em um sistema pragmático, não mais valorativo. Ambos promovem noções como “Direito ao Desenvolvimento”, “cooperação ganha-ganha” e “respeito mútuo” como alternativas aos Direitos Humanos, ao Estado de Direito e aos valores democráticos liberais. No caso chinês, essa retórica é formulada em termos vagos e conciliatórios, mas com implicações significativas, ao reconfigurar os direitos como prerrogativas exclusivamente nacionais, fora do alcance de mecanismos internacionais de responsabilização. A Rússia, por outro lado, adota a retórica da multipolaridade como fundamento de um sistema internacional menos centrado no Ocidente, articulando-a com uma narrativa de resistência ao colonialismo, ainda que suas ações (e treinamento diplomático) — como a invasão da Ucrânia e a presença militar do Grupo Wagner em países africanos — evidenciem uma lógica de poder imperial.

A recente vitória eleitoral trumpista avança o rompimento americano com seus aliados europeus, movendo o foco americano para o leste asiático em tentativa de contenção de seu atual maior competidor em termos de segurança - a China. Contenção territorial e marítima são estratégias famosas do século XIX, usadas também contra a URSS durante a Guerra Fria. A mudança do foco americano, em um primeiro momento, parece apontar não para

um concerto de potências (em que as grandes potências dividem o globo em zonas exclusivas de influência), mas sim a volta da tradicional balança de poderes (em que as grandes potências competem entre si por influência no globo). Isso é dizer que, ainda que os EUA tenham discursivamente “abandonado” a Europa para vantagem russa, eles o fazem para que consigam competir com a China no leste asiático.

Territórios dos EUA à época da Doutrina Monroe (1824)



A doutrina previa uma “América para os americanos”, a fim de evitar que o continente se tornasse uma esfera de influência europeia, mantendo-a como uma esfera estadunidense.

Não só isso, mas não há como dizer ainda que o “abandono” discursivo americano se efetivará em “abandono” de fato. Em primeiro lugar, o “abandono” é custoso institucionalmente - já que há uma série de barreiras como a lei de 2023 que impede o presidente de se retirar da OTAN sem aprovação do Senado ou aprovação por meios legais pelo Congresso; a forte interrelação entre os grupos de inteligência dos EUA e UE; a interrelação entre Departamento de Defesa e o Departamento de Estado americanos e seus contrapartes na Europa; e mesmo a onerosa parada de processos institucionais com centenas de milhares de trabalhadores e colaboradores (um efeito conhecido na literatura como *path dependence*).

Em segundo lugar, como apontam Brooks e Vagle, o desatrelamento das economias ocidentais e chinesas afetaria a China em médio e longo prazo em várias ordens de magnitude a mais que os Esta-

dos Unidos, se feito em apoio com seus aliados europeus. Se o “abandono” for efetivo, os EUA perderiam uma excelente possibilidade de dissuasão contra a China. Por fim, o “abandono” é custoso politicamente, já que os europeus possuem uma forte presença em lobby e mesmo em termos valorativos no imaginário político americano. É portanto através destas estratégias que a UE seria capaz de se articular para evitar o fim das garantias de segurança americanas, que a deixariam vulnerável.

Enquanto isso, o “abandono” discursivo serve para fomentar uma mudança paradigmática na UE. O bloco passa a advogar por maior autonomia e proteção dos recursos necessários estrategicamente aos países-membros na forma da “Autonomia Estratégica Aberta” (maiores detalhes na coluna disponível no portal: “*Histórico da segurança energética em um mundo inseguro*”). A necessidade de dinamismo na tomada de decisão e maior protagonismo europeu frente não só ao restante do mundo como à manutenção do bem-estar na própria Europa passam a ser processos motores de pressões políticas e econômicas para uma reforma do sistema burocrático lento e complexo da UE. A insegurança geopolítica mundial, a invasão russa à Ucrânia, o aumento histórico no investimento em segurança alemão e o “abandono” discursivo confluem para maior poder de barganha para aqueles que pregam por uma política de segurança europeia comum, com um exército integrado e uma indústria bélica fomentada. Caso seu porta-voz - Macron - consiga superar seus desafios domésticos e uma burocracia supranacional lenta, conservadora e dispendiosa, poderiam revitalizar o papel geopolítico do bloco.

A guinada da UE em direção a maior segurança intrabloco e independência dos países extra-bloco pode ser uma oportunidade ímpar para Estados candidatos à adesão, como a Sérvia, por exemplo. Segundo Nikolić, a Sérvia possui reservas suficientes de lítio e outros materiais críticos - necessários para o desenvolvimento de tecnologias, para a defesa e segurança, e mesmo distribuição de energia - vitais para maior resiliência da cadeia de suprimentos de matérias-primas críticas para a UE. Em contrapartida, a entrada do país no bloco fortaleceria suas instituições democráticas e minimizaria a situação conflitiva atual (mais detalhes na coluna “O Preço do Esquecimento”).

Esferas de influência/alianças na Europa atual



Giulliano Renato Molinero Jr.

Mestre em Políticas Europeias e Globais pela Universidade de Tampere, Finlândia.

Capa
nova ordem
mundial

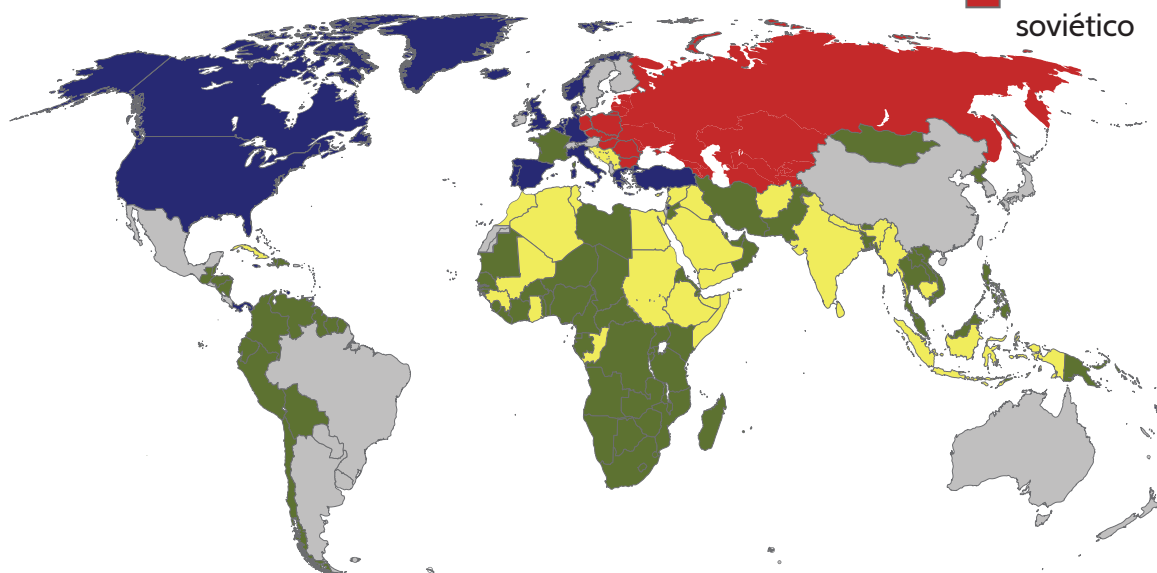
offshore e *offshore bandwagoning*, estratégias comuns em que aliados menores distantes geograficamente de suas potências maiores usam suas alianças como forma de manter ou ampliar suas influências regionais (já que hegemon ou seu competidor não estão na região para ofuscá-los). Um famoso exemplo histórico foi a aliança entre a Alemanha nazista e o Japão imperialista, que possibilitou ao Japão projetar influência largamente pela Ásia.

Potências menores são, de forma geral, mais ágeis no processo de tomada de decisão e adaptabilidade, ao passo em que potências maiores têm mais responsabilidades e interrelações institucio-

Países alinhados e não-alinhados durante a Guerra Fria

 Países não-alinhados (atualmente)

■ Bloco
ocidental



nais com outros países, tornando seu processo de tomada de decisão mais lento e sua capacidade de adaptação menor. Enquanto potências maiores precisam lidar com uma miríade de agendas - já que sua influência tem peso em cada uma - potências menores podem se especializar. Ao focar em áreas específicas de políticas, os pequenos Estados podem desenvolver uma expertise aprofundada, aumentando sua credibilidade e influência. Por fim, potências menores tem pouca amplitude de voz. Ao se unirem, suas posições tem maior peso econômico e político. Talvez o exemplo histórico mais famoso seja o do movimento dos não alinhados durante a Guerra Fria.

Equidistância pragmática foi um conceito criado para explicar a política externa varguista com relação à Alemanha nazista e os EUA. A estratégia é de ordem pragmática, e usa a possibilidade de alinhamento, tanto *bandwagoning* como balanceamento anti-hegemônico, como poder de barganha, sem nunca de fato alinhar-se. A ideia é que hegemom e competidor compitam pelo alinhamento da potência menor, injetando dinheiro, apoio logístico e até certa garantia de segurança para tentar convencê-la. Acontece, em períodos de menor estabilidade geopolítica, que potências menores acabem por sucumbir a pressão do alinhamento, mas não sem antes terem se desenvolvido ou securitizado graças à competição “positiva”. Além do exemplo de Vargas, que acabou por se aliar aos EUA, outro exemplo histórico longo foi o da doutrina Paasikivi-Kekkonen, mais conhecida como finlandização - que se encerrou recentemente com a entrada da Finlândia na OTAN.

A última, neutralidade acrítica, é menos uma estratégia e mais um comportamento político, delineado por uma posição protecionista e isolacionista que ignora as mudanças geopolíticas a seu redor, sem se posicionar frente a elas. Na *História da Guerra do Peloponeso*, Tucídides apresenta o caso de Melos, uma ilha acriticamente neutra na competição entre Esparta e Atenas (431–404 a.C.). Quando

Atenas invade Melos e são questionados pelos habitantes da ilha a respeito do porquê - já que eram neutros no conflito - os enviados atenienses famosamente respondem aos melianos com “Os fortes fazem o que podem, e os fracos sofrem o que devem”.

A escolha da estratégia depende de cada caso - Taiwan, por exemplo, já naturalmente em oposição à China e em necessidade dos EUA para se defender perde as opções de balanceamento anti-hegemônico e equidistância pragmática. Dado seu histórico de preparação civil-militar, a neutralidade acrítica parece não ser uma opção natural. Em posição próxima estão os demais países que concorrem com a China no mar do sul da China, que passam a ganhar o apoio e atenção americanos. Países como Hungria ou mais recentemente Romênia naturalmente se inclinam para o pragmatismo equidistante, dada sua participação na UE, mas proximidade política com Rússia e China.

O Brasil, com escolhas menos claras, precisa de um plano rápido, antes que se assemelhe a Melos.



Giulliano Renato Molinero Jr.
Mestre em Políticas Europeias e Globais pela Universidade de Tampere, Finlândia.

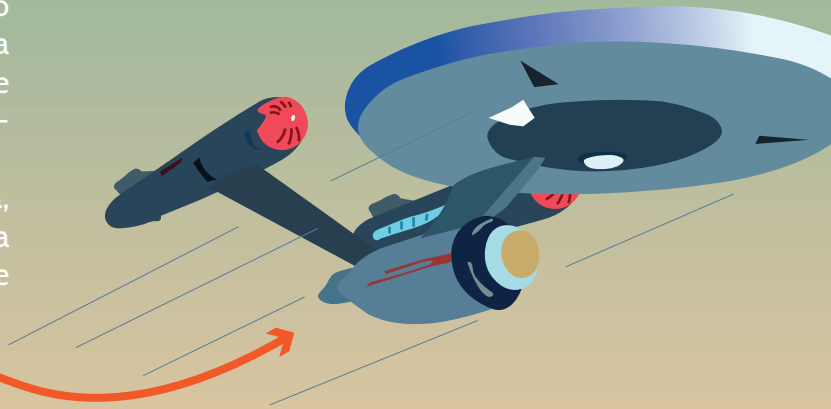
Star Trek e a questão do uso bélico da ciência

Star Trek: Strange New Worlds (“estranhos novos mundos”, em uma tradução livre) é a 11ª série da famosa franquia “Star Trek”. Produzida pelo canal de streaming Paramount+, desde 2022, a série mergulha em uma era clássica da exploração espacial, se passando no século 23 (uma década antes da série original dos anos 1960), trazendo uma sensibilidade moderna que ecoa discussões do nosso tempo. Nesta nova história, os espectadores encontram-se novamente com a *USS Enterprise*, sob o comando do Capitão Christopher Pike. Como de costume, a equipe da Enterprise se concentra em missões de exploração pacífica, encontros com novas civilizações e a filosofia de respeito pela vida.

No entanto, mesmo nesse universo idealista, a realidade da guerra e da tecnologia como arma está sempre presente. A tecnologia de

dobra espacial, um motor que permite viagens mais rápidas que a luz, é o exemplo perfeito de como algo projetado para a exploração pacífica pode ser transformado em uma ferramenta de poder e destruição.

Veja nesta seção como a série trata de questões pertinentes para a área da análise de Ciência Política e Relações Internacionais.



USS Enterprise

É a principal nave da **Frota Estelar**, a organização militar e de exploração da **Federação Unida de Planetas**.

A Federação é uma entidade política composta por diversos planetas que se uniram com o objetivo de buscar a paz, a exploração científica e a diplomacia. Enquanto uma versão utópica (e bem mais forte e atuante) das Nações Unidas, a Federação é, por vezes, vista como uma ameaça militar para outros povos que têm tecnologia, mas não se uniram a ela.

A Corrida Armamentista Espacial

Em “*Strange New Worlds*”, a Federação lida com conflitos com os **Klingons** e os **Gorn**, impulsionados pela competição tecnológica.

A posse de naves de dobra mais rápidas e eficientes é vista como um fator crítico para a sobrevivência e superioridade militar, refletindo a dinâmica da Guerra Fria na Terra e a corrida por armas nucleares.





A “Bomba de Dobra”

Em um dos episódios de *Strange New Worlds*, a tripulação da Enterprise lida com a descoberta de que uma civilização menos avançada, do planeta Kiley 279, desenvolveu uma **arma de destruição em massa** baseada na tecnologia de dobra, a “bomba de dobra”. Este ponto crucial demonstra que o problema não se resume apenas à Frota Estelar utilizando a tecnologia de forma bélica, mas também ao risco inerente de que essa ciência poderosa seja copiada e usada por outras civilizações sem as mesmas restrições éticas. A tecnologia de exploração se torna um perigo global, ameaçando a existência de sistemas estelares inteiros. Fora do universo de Star Trek, a história se associa ao uso da tecnologia nuclear no mundo real que pode ser tanto científico com fins pacíficos (para a geração de energia) ou bélico (para a construção de armas de destruição em massa). A série convida o espectador a refletir sobre essa situação atualíssima no contexto internacional atual.

O princípio da não-interferência e o dilema moral trazido por ele

O uso da dobra como arma também está intrinsecamente ligado à **Primeira Diretriz**, uma das regras mais importantes da Frota Estelar. Esta diretriz proíbe a interferência no desenvolvimento de culturas menos avançadas. A militarização da dobra levanta a questão: até que ponto a tecnologia que você usa pacificamente pode influenciar, corromper ou até mesmo ser replicada por outras civilizações para fins bélicos?

A série explora esse dilema ao mostrar o peso moral da Frota Estelar em manter seu ideal de paz, enquanto a tecnologia que permite essa paz também pode ser a causa de guerras devastadoras em outros planetas. Este dilema moral entre seguir seus ideais ou relativizá-los de acordo com as circunstâncias é posto em evidência na série.



“Strengthening Outcome Harvesting Analysis With Ai-Assisted Causal Mapping”

(título traduzido: “Fortalecendo a análise de coleta de resultados com mapeamento causal assistido por IA”)



Autores: Heather Britt; Steve Powell; Gabriele Caldas Cabral

Publicação: Março de 2025 por “Causal Map”

Tipo: Estudo de caso

Este estudo de caso explora como o mapeamento causal assistido por IA pode aprimorar a análise da coleta de dados, revelando inter-relações entre resultados e identificando novos atores que contribuem para a mudança. O piloto demonstra como essa abordagem pode fornecer insights acionáveis e fortalecer a análise da relação causal na coleta de dados. Ele enfatiza a importância de um plano de análise baseado em princípios e da expertise humana para orientar o processo de IA.

Acessível através do link: <https://www.causalmap.app/resources/cp-oh>



“A workflow for collecting and understanding stories at scale, supported by artificial intelligence”

(título traduzido: “Um fluxo de trabalho para coletar e compreender histórias em grande escala, com o apoio da inteligência artificial”)

Autores: Steve Powell; Gabriel Caldas Cabral; Hannah Mishan

Publicação: Abril de 2025 por European Evaluation Society

Tipo: Artigo científico - revisado por pares (peer-reviewed)

O artigo propõe um método de mapeamento causal assistido por IA para coletar e analisar perspectivas de stakeholders em larga escala, combinando entrevistas automatizadas, codificação de dados e visualização de relações causais. Testado em entrevistas sobre problemas dos EUA, mostrou eficiência e potencial para avaliações rápidas, mas requer supervisão humana devido a limitações e questões éticas.

Acessível através do link: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/13563890251328640>

“Expanding the Definition of Atomic Veterans to Redress Harms to Service People in Nuclear Missions”

(título traduzido: “Ampliando a definição de veteranos atômicos para reparar os danos causados aos militares em missões nucleares”)



Norwegian Ministry
of Foreign Affairs

Autores: Larissa Truchan; Sofia Alvarado Carmen; Maria Mont Serrat Bomfim Mariano dos Santos; Siddhie Patil; Mahlet Sebsibe; Nadia Hashid

Publicação: Junho de 2025 por Ministério de Relações Exteriores da Noruega

Tipo: Capítulo de livro

O artigo critica a definição restrita de “Veterano Atômico” nos EUA, que limita benefícios a casos específicos de exposição nuclear, e propõe uma reconceitualização mais inclusiva que contemple todos os militares, dependentes e civis expostos à radiação, reconhecendo danos físicos e psicológicos e alinhando-se a dados históricos e leis atualizadas.

“The Power of the ‘Fourth State Power’: To What Extent Did Regional Press Coverage Influence Regional Voter Turnout in the 2024 European Elections?”



(título traduzido: “O poder do ‘quarto poder’: em que medida a cobertura da imprensa regional influenciou a participação eleitoral regional nas eleições europeias de 2024?”)

Autores: Caio Ponce de Leon R. F.

Publicação: Julho de 2025 por Springer Nature Link

Tipo: Capítulo de livro

O estudo investiga como a cobertura digital da imprensa regional influenciou a participação eleitoral nas eleições europeias de 2024. A pesquisa analisa, quantitativamente, manchetes publicadas um mês antes da votação, examinando se a atenção e a parcialidade da mídia regional impactaram o comparecimento às urnas em diferentes regiões da UE.

Acessível através do link: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-031-89455-8_30

“Artilharia, Drones e Mísseis na Guerra Russo-Ucraniana”



Autores: Augusto W. M. Teixeira Jr.; Maria Mont Serrat Bomfim
Mariano dos Santos; Cinthya Araújo Gomes

Publicação: Agosto de 2025 pela Escola Superior de Defesa

Tipo: Capítulo de livro

A guerra na Ucrânia serve como um estudo de caso da relação entre tecnologia e estratégia militar. A artilharia, mísseis e drones se destacaram como os principais elementos de combate. A Rússia empregou uma estratégia de atrito com grande volume de fogo, enquanto a Ucrânia compensou com o uso tático de drones. Os drones se mostraram como multiplicadores de força para reconhecimento e ataques de precisão. O conflito demonstra que a vitória não depende de um único sistema de armas, mas sim da integração entre massa, precisão, inovação e adaptação operacional.

Acessível através do link: <https://www.gov.br/esd/pt-br/central-de-conteudo/publicacoes/producao-academica-da-esd/livros-capitulos-de-livros/OqueaprendemoscomaguerranaUcrania.pdf>

No mundo da política (nacional e internacional) também acontecem muitas bizarrices. Veja abaixo algumas das que aconteceram recentemente!

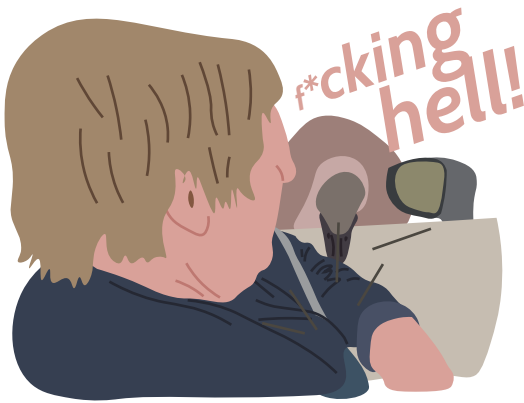
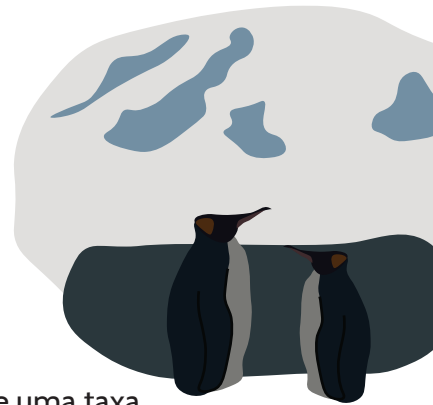
“Pegá-los eu tentarei. Pokémo...” eh... Manifestantes?

Em meio a protestos contra o governo crescentemente autoritário de Recep Tayyip Erdoğan na Turquia, uma cena rodou o noticiário e as redes sociais ao redor mundo. Após a prisão do prefeito de Istambul, Ekrem İmamoğlu, o principal rival do presidente turco, em 19 de março, vários protestos eclodiram ao redor do país. Mais de 1,9 mil pessoas foram presas por terem participado dos protestos. Em meio à multidão fugindo da polícia, o vídeo que viralizou foi o de uma pessoa fantasiada de Pikachu, do desenho animado “Pokémon”. O personagem tornou-se símbolo de resistência, já que a mídia favorável ao governo passou a acusá-lo de ser parte de

uma trama arquitetada pela oposição. O Pikachu seria uma forma de “guerra psicológica” que faria com que os protestos fossem mais bem vistos pela população, fazendo com que mais pessoas saíssem às ruas.

Tarifas até mesmo para pinguins!

Em meio ao tarifaço irrestrito imposto pelo presidente estadunidense Donald Trump a todos os países do mundo, nenhum pedaço de terra no planeta foi deixado para trás. Nem mesmo os que só têm habitantes não humanos. Foi o caso das ilhas Heard e McDonalds, a 4,1 mil quilômetros da Austrália, lar de pinguins, focas e outras aves. Os territórios, que fazem parte da Austrália, só podem ser visitados por humanos com uma permissão especial do governo. Se concedida a permissão, visitantes ainda têm de passar 10 dias em um navio para alcançar as ilhas. Mesmo estando em um estado “praticamente intocado pela atividade humana”, como afirma o governo australiano, as ilhas não se safaram de uma taxa de 10% impostas a qualquer exportação para os EUA por Trump. Washington tem dificultado até mesmo a vida econômica da fauna alheia.



Reconhecido por bizarrices tem uma nova adicionada à lista

Depois de discurso na ONU sobre os perigos de “galinhas sem membros” e exterminadores do futuro e de ter afirmado querer invadir os Países Baixos durante a pandemia para roubar vacinas, o ex-premiê britânico conservador, Boris Johnson, voltou a viralizar nas manchetes e redes sociais em abril deste ano. Em meio a um safari com a família no Texas, Johnson foi “atacado” por um avestruz. Enquanto dirigia pelo parque, a ave se aproximou e foi colocando o pescoço lentamente dentro do carro enquanto era filmada pela esposa de Johnson.

Momentos depois, o avestruz bica o braço do ex-premiê que grita e afasta-se rapidamente do bicho. Sua esposa compartilhou a cena no Instagram com a descrição “engraçado demais para não compartilhar”. O vídeo viralizou nas redes, trazendo Johnson às manchetes novamente após anos longe de Downing Street.

Contra-sanção mística

Com as ameaças do presidente estadunidense Donald Trump à soberania do Brasil, com sua tentativa de interferir com o funcionamento do judiciário brasileiro com a imposição de tarifas pesadas contra produtos brasileiros, uma organização brasileira resolveu contra-sancionar os EUA de maneira exemplar. A Fundação Cacique Cobra Coral, que presta atendimentos esotéricos a empresas estadunidenses desde o governo Ronald Regan, anunciou que irá suspender 50% da “assistência climática” ao país. Seu trabalho se baseia, segundo a entidade, em intervenções místicas no tempo a fim de evitar que eventos importantes não sejam atrapalhados.

O médium Adelaide Scritori, presidente da fundação, afirmou se tratar de uma medida de reciprocidade. O aviso se deu no dia 9 de julho. Coincidentemente, os EUA foram acometidos por uma severa série de eventos climáticos extremos dias depois, como tempestades e furacões.



Nesta seção, damos algumas dicas do que você pode fazer para se divertir enquanto aplica alguns de seus conhecimentos de política interna e externa! Dê uma olhada abaixo!

nem só
de artigo
se vive



Desenvolvimento como liberdade

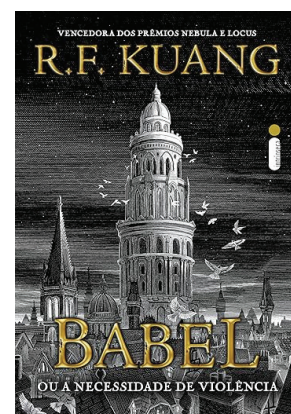
o que: livro páginas: 464
onde: livrarias publicação: maio de 2010

Amartya Sen, vencedor do Prêmio Nobel de Economia, desafia a noção tradicional de desenvolvimento atrelada apenas ao crescimento da renda. Em seu livro "Desenvolvimento como Liberdade", ele propõe que o progresso real é a expansão das liberdades que as pessoas podem desfrutar. Para Sen, a pobreza e a opressão são formas de privação de liberdade, e o bem-estar genuíno está ligado à capacidade de viver uma vida digna, ter oportunidades e estar livre de males evitáveis. A obra oferece uma perspectiva essencial para compreender o desenvolvimento em nações como o Brasil.

Babel: ou a necessidade de violência

o que: livro páginas: 592
onde: livrarias publicação: fevereiro de 2024

Em "Babel: ou a necessidade de violência", de R.F. Kuang, o órfão chinês Robin Swift é levado para Londres para estudar no Real Instituto de Tradução de Oxford. Ele descobre que a tradução é uma forma de magia que confere poder à Grã-Bretanha, mas se vê dividido entre sua lealdade à instituição e à sua terra natal quando a guerra entre os dois países se aproxima. A narrativa, que reescreve a história colonial chinesa e a Revolução Industrial, aborda temas como a resistência colonial, o poder da linguagem e a necessidade de violência na revolução.



A Semente do Fruto Sagrado (Dane-ye anjir-e ma'abed)

o que: filme duração: 2h47min ano: 2024
onde: Amazon Prime/ país: Alemanha, França, Irã
Telecine

Em meio à agitação política de Teerã, Iman, um juiz recém-promovido, luta contra a paranoia e o esgotamento mental. A pressão de seu novo cargo e o misterioso desaparecimento de sua arma o levam a desconfiar de sua própria família. Consumido pela suspeita, ele impõe regras rígidas, desgastando os laços familiares. A trama explora como crises sociais e o poder podem corroer as relações pessoais, mostrando a jornada de Iman enquanto ele se perde entre o dever profissional e as consequências devastadoras de sua desconfiança.

Trilha Sonora para um Golpe de Estado (Soundtrack to a Coup d'Etat)

o que: filme duração: 2h30min ano: 2024
onde: Apple TV país: Bélgica, França, Países Baixos

O documentário "Trilha Sonora para um Golpe de Estado" explora a descolonização do Congo e o assassinato do presidente Patrice Lumumba em 1961. O filme mostra a conexão entre música e política, revelando como músicos como Abbey Lincoln e Max Roach protestaram contra as intrigas internacionais, enquanto Louis Armstrong foi usado como uma ferramenta de distração pelos EUA. A obra analisa as relações entre imperialismo, capitalismo e jazz em um contexto de Guerra Fria e lutas por direitos civis.



Seção Teorias

1 - Sanchez, O. A ascensão e queda do movimento de dependência: ele informa o subdesenvolvimento hoje? Estudos Interdisciplinares de América Latina y el Caribe, Tel Aviv, v. 14, n. 2, 2003. Disponível em: <https://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/893>. Acesso em: 29 dez. 2022.

2 - Silva, G. J. C. A teoria da dependência: reflexões sobre uma teoria latino-americana. Hegemonia: Revista de Ciências Sociais, [S.l.], n. 3, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.47695/hegemonia.vi3.33>. Acesso em: 20 dez. 2022.

3 - Ferreira, R. L. Não esqueçam o que ele escreveu: o sociólogo Fernando Henrique Cardoso e a (prática da) Teoria da Dependência. Temporalidades, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 469–486, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5693>. Acesso em: 2 jan. 2023.

4 - Dos Santos, T. Teoria da dependência: balanço e perspectivas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5499595/mod_resource/content/1/Theoria%20da%20depend%C3%Aancia%20-%20Balan%C3%A7o%20e%20perspectivas.pdf. Acesso em: 12 dez. 2022.

5, 6 - Bamber, V. Teoría de la dependencia: una anticrítica. México: Era Ediciones, 1978. Disponível em: <https://sociologiadelosdesarrollos.files.wordpress.com/2014/11/104250818-teoria-de-la-dependencia-una-anticritica-vania-bamber.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

Blomström, M.; Hettne, B. Teoria do Desenvolvimento em Transição: O Debate sobre a Dependência e Além: Respostas do Terceiro Mundo. Londres: Zed Books, 1984.

Cardoso, F. H.; Faletto, E. Dependência e desenvolvimento na América Latina. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. (Biblioteca de ciências sociais).

Furtado, C. O Mito do Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

Gonçalves, R. S. Teoria e prática em Fernando Henrique Cardoso: da nacionalização do marxismo ao pragmatismo político (1958-1994). 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2018.tde-29102018-161356>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Semo, E. La crisis actual del capitalismo. 1. ed. México: Ediciones de Cultura Popular, 1975. (Economía). Disponível em: <https://catalogtest.lib.uchicago.edu/vufind/Record/91922>. Acesso em: 7 jan. 2023.

Seção Capa

- “Da vontade de comprar à de invadir: entendendo os interesses árticos de Trump”

Links acessados em 10 agosto 2025.

<https://web.archive.org/web/20190715175650/http://www.virgin-islands-history.org/en/history/sale-of-the-danish-west-indian-islands-to-the-usa/the-sales-treaty-1902>

<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1917/d881>

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/2154896X.2012.735037>

<https://www.defense.gov/News/News-Stories/Article/Article/3986308/china-increasing-interest-in-strategic-arctic-region>

<https://www.economist.com/china/2024/06/19/china-and-russia-have-chilling-plans-for-the-arctic>

<https://www.ft.com/content/26b2c424-b163-447b-94a7-ffe5a21f3807>

Seção Capa

- “Soberania em jogo: o Canadá enfrenta o peso da política externa de Trump”

Links acessados em 14 agosto 2025.

<https://edition.cnn.com/2025/03/27/americas/canada-trump-tariffs-response-latam-intl>

<https://www.aljazeera.com/news/2025/3/23/canadas-pm-carney-triggers-snap-election-vote-set-for-april-28>

<https://www.bbc.com/news/articles/c8deqejdmmro>

<https://time.com/7297490/trump-plan-to-annex-canada-51st-state-mark-carney/>

https://www.congress.gov/crs_external_products/IF/HTML/IF12595.web.html#_Ref192173583

<https://www.cbsa-asfc.gc.ca/travel-voyage/tariffs-tarifs/index-eng.html>

<https://www.blakes.com/insights/us-canada-tariffs-timeline-of-key-dates-and-documents>

Seção Capa

- “Conflito russo-ucraniano: três anos de guerra e o esforço de resistência”

Links acessados em 18 junho 2025.

https://www.csis.org/analysis/relative-superiority-drone-age-mcravens-playbook-meets-ukraines-airfield-assaults?utm_campaign=feed&utm_medium=referral&utm_source=later-linkinbio

https://www.economist.com/international/2025/06/02/putins-sickening-statistic-1m-russian-casualties-in-ukraine?utm_campaign=feed&utm_medium=referral&utm_source=later-linkinbio

<https://www.euronews.com/2025/06/01/operation-spiderweb-how-ukraine-destroyed-over-a-third-of-russian-military-aircraft>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ucrania-diz-que-bombardeou-avioes-militares-dentro-do-territorio-da-russia/>

<https://pt.euronews.com/2024/05/19/controversa-l-ei-de-mobilizacao-entra-em-vigor-na-ucrania>

https://www.rtp.pt/noticias/guerra-na-ucrania/o-dilema-dos-adolescentes-ucranianos-alistarem-se-ou-fugirem_n1619556

<https://exame.com/mundo/putin-facilita-caminho-para-cidadania-de-combatentes-estrangeiros-para-fortalecer-o-exercito-russo/>

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/25751654.2024.2359818#abstract>

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/25751654.2024.2425379?src=recsys#d1e166>

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/02/23/interna_internacional,1461304/china-pede-dialogo-entre-russia-e-ucrania-e-alerta-contr-a-uso-de-armas-nucl.shtml

Seção Capa

- “China e Taiwan: História, Disputa e o Papel dos Estados Unidos no Equilíbrio do Estreito”

Links acessados em 18 junho 2025.

1 - <https://www.reuters.com/world/us-state-dept-approves-potential-sale-f-16-spare-parts-taiwan-pentagon-says-2024-11-30/>

<https://css.ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/resources/docs/CFR-China-Taiwan%20Relations.pdf>

<http://www.china.org.cn/e-white/taiwan/index.htm>

<https://cc.pacforum.org/2023/01/tensions-intensify-as-taiwan-us-it-cooperation-blossoms>

Seção Capa

- “Estratégias e oportunidades na (des)ordem mundial: União Europeia”

- “Estratégias e oportunidades na (des)ordem mundial: poderes médios e pequenos”

Applebaum, Anne. (2024). *Autocracy, Inc.: The Dictators Who Want To Run The World*. Random House: USA.

Bondarenko, I. (2025, April 14). I trained with Russian diplomats. I can tell you how they work. The Moscow Times.
<https://www.themoscowtimes.com/2025/04/14/i-trained-with-russian-diplomats-i-can-tell-you-how-they-work-a88722>

Brooks, S. G., & Vagle, B. A. (2025, 20 de fevereiro). The Real China Trump Card: The Hawk's Case Against Decoupling. Foreign Affairs.
<https://www.foreignaffairs.com/united-states/real-china-trump-card-brooks-vagle>

Forbes Breaking News. (2025, February 11). FULL REMARKS: JD Vance Puts European Leaders On Notice About Trying To Regulate U.S. Tech Giants [Video]. YouTube.
<https://www.youtube.com/watch?v=MnKsxnP2IVk>

Högenauer, A.-L., & Mišík, M. (Eds.). (2024). *Small States in EU Policy-Making: Strategies, Challenges, Opportunities*. Routledge.

Mazzucato, M. (2025, fevereiro 25). The Broken Economic Order: How to Rewire the International System in the Age of Trump. Foreign Affairs.

Molinero, G. (2025, 25 de março). O preço do esquecimento. DPolitik.
<https://dpolitik.com/blog/2025/03/25/o-preco-do-esquecimento/>

Molinero, G. (2025, 25 de abril). Histórico da segurança energética em um mundo inseguro. DPolitik.
<https://dpolitik.com/blog/2025/04/25/historico-da-seguranca-energetica-em-um-mundo-inseguro/>

Moura, G. (1991). *Sucessos e ilusões: Relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Universidade de Brasília.

Nikolić, K. (2025, 8 de maio). Announcement of upcoming presentation at the European Union in International Affairs Conference [Post no LinkedIn]. LinkedIn.
https://www.linkedin.com/posts/kristina-nikoli%C4%87-8a6283217_programme-activity-7325958824220082176-85NE

Sabbagh, D. (2025, February 12). US no longer 'primarily focused' on Europe's security, says Pete Hegseth. The Guardian.
<https://www.theguardian.com/us-news/2025/feb/12/us-no-longer-primarily-focused-on-europes-security-says-pete-hegseth>

Stubb, A. (Apresentador). (2025). The New World (Dis)Order with Alex Stubb [Playlist de vídeo]. YouTube.
<https://www.youtube.com/playlist?list=PL9zL6xEwtVuiW3Vdm2R8PZ52axodlxe27>

Seção BizarRl

Links acessados em 11 agosto 2025.

<https://www.poder360.com.br/internacional/prefeito-de-nova-york-defende-uso-de-lixeiras-como-r-evolucao-do-lixo>

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2025/03/27/e-fato-pikachu-foge-da-policia-durante-protos-na-turquia-video.ghtml>

<https://www.bluewin.ch/en/news/international/protost-in-turkey-how-a-pokemon-became-a-political-issue-2628724.html>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/04/02/trump-impoe-tarifas-contrailha-sem-habitantes-e-povoada-por-pinguins-e-focas.ghtml>

https://www.huffpost.com/entry/boris-johnson-ost-rich-attack_n_67f4116be4b07a927914d7f3

<https://www.theguardian.com/politics/2024/sep/28/senior-tories-cast-doubt-over-boris-johnsons-plan-to-invade-the-netherlands>

<https://www.popularmechanics.com/technology/a29230437/boris-johnson-united-nations-tech-speech>

https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/boris-johnson-e-atacado-por-avestruz-durante-passeio-nos-eua/#goog_rewarded

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/tarifa-de-trump-cacique-cobra-coral-corta-assistencia-climatica-aos-eua>

<https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2025-07-15/apos-corte-de-assistencia-de-cacique--eua-sofre-com-desastre.html>